

CIRO FLAMARION CARDOSO

Sete olhares sobre a Antigüidade (Coleção Tempos),
Brasília, UnB, 1994, 224 pp.

Pedro Paulo A. Funari (Professor do Departamento
de História do Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de Campinas)

Ciro Flamarion Cardoso pode ser considerado, com justiça, o historiador brasileiro mais conhecido em nível internacional. Seus livros de metodologia da História são utilizados, há já muitos anos, nos países da América Latina e na Espanha como manuais básicos, e gerações de estudantes passaram a conhecer o ofício do historiador graças aos livros de Ciro F. Cardoso. Autor de inúmeros livros sobre variados temas, conseguiu a proeza de chegar à décima reedição de *diversos* volumes, alguns deles sobre a Antigüidade. Seu posicionamento marxista toma sua trajetória intelectual ainda mais notável e digna de reflexão.

Sete olhares sobre a Antigüidade reúne ensaios de caráter variado sobre a Antigüidade Oriental e Clássica, alguns quase didáticos, outros monográficos ou metodológicos. O marxismo transparece, nos artigos, em primeiro lugar como oposição àquelas tendências contemporâneas chamadas de "estruturalistas e pós-estruturalistas, adquirindo estas últimas no período mais recente fortes tendências irracionistas e intelectualmente 'neanarquistas'" (p. 180). Não é difícil identificar a crítica, direta ou indireta, a Foucault (p. 170) e a diversos outros autores, como Moses Finley, "fortemente idealistas" (p. 182).

O materialismo, em especial a ênfase no estudo das transformações das forças produtivas e suas conseqüências nas relações sociais de produção, encontra-se no cerne da interpretação marxista do autor. O primado do estudo das forças produtivas apresenta-se em oposição às interpretações idealistas que privilegiam os fatores mentais, ideológicos e até mesmo psicológicos, na interpretação do passado. De maneira coerente, a existência de "classes sociais em si" nas sociedades pré-capitalistas, isto é, economicamente determinadas, a-

póia-se na concepção marxiana do funcionamento geral das sociedades clivadas por diferenças sociais antagônicas. A aceitação das categorias classificatórias sociais das sociedades antigas, admitindo acriticamente as opiniões dos antigos sobre si mesmos e suas sociedades, acaba por fazer prevalecer uma visão distorcida da realidade antiga. Essa distorção é tanto maior quanto os documentos antigos reproduzem, via de regra, as concepções sociais dos círculos dominantes.

A composição geral do livro mescla três grandes sínteses (140 páginas) sobre o Egito e Médio Oriente e sobre as fases iniciais da Idade do Ferro na Grécia e Itália, dois artigos e um par de ensaios. Estes últimos, sobre as classes sociais na Índia antiga e sobre os mistérios no paganismo clássico, embora teoricamente bem fundamentados, abordam realidades por demais complexas para textos tão curtos. As três súmulas são úteis introduções, com bibliografia atualizada e discutida, a grandes setores da História Antiga e serão particularmente aproveitadas pelos estudantes e interessados.

Os dois pontos altos, tanto para os estudiosos da Antigüidade como para todos aqueles que se interessam pela teoria marxista, concentram-se nos dois artigos específicos. O capítulo 5, que trata dos conceitos e debates sobre a economia e sociedade antigas, parte dos clássicos do marxismo para demonstrar que uma definição radicalmente histórica da economia política engloba tanto as trocas capitalistas como as trocas de presentes, os intercâmbios e redistribuições de bens e serviços das sociedades pré-capitalistas. Essa análise econômica funda-se, paralelamente, no caráter de classe das sociedades antigas. A existência de estamentos não elimina a caracterização de classe de grupos sociais, em especial de escravos. O estudo

da economia e sociedade antigas não pode, portanto, restringir-se aos parâmetros estabelecidos pelos antigos, mas deve abranger os instrumentos analíticos derivados do marxismo.

O capítulo 3, sobre a ideologia e a literatura no Egito antigo, analisando o conto de Sanehet, constitui outro destaque metodológico. O autor propõe a junção da sociologia genética da literatura de Lucien Goldmann, tributária direta de G. Lukács e do marxismo, ao estruturalismo lingüístico de T. Todorov, permitindo um estudo estilístico, sintático e temático do documento. A ideologia do grupo dominante egípcio no conto de Sanehet encontra-se esmiuçada graças ao estudo semiótico do texto e as duas metodologias, aparentemente contraditórias, tornam-se articuladas e complementares. O estudo detalhado do conto é muito convincente e de leitura agradável e prazerosa.

Cabe fazer duas observações genéricas sobre o livro. Em primeiro lugar, a importância atribuída pelo autor ao estudo empírico dos documentos, notável no conto de Sanehet, encontra-se diminuída pela pouca atenção prestada ao estudo dos textos originais,

em alguns momentos, como quando se utiliza de uma tradução popular inglesa de Tito Lívio (p. 211, nota 9). Em segundo lugar, a ênfase do autor nos "avanços" historiográficos pode ser uma faca de dois gumes. Assim, diversas vezes o autor afirma que "no passado" interpretava-se de tal maneira, "hoje" esta bibliografia já está "superada" (e.g. pp. 74, 75, 201). Ora, as novidades e os modismos, diversas vezes criticados por Ciro Cardoso, são recentes, enquanto Marx e Engels, referências básicas do autor, são do século passado! Não parece, portanto, totalmente consistente a ênfase nas "últimas pesquisas" já que estas, como reconhece o autor, dividem-se, inevitavelmente, em diferentes abordagens, boa parte delas confrontadas, de forma explícita, por Ciro Cardoso.

Estas observações não obscurecem, entretanto, a relevância da obra e sua contribuição ao debate no interior da historiografia marxista. Sua leitura crítica e o debate em torno a seus postulados apenas poderá resultar em benefício para os estudiosos da teoria marxista e da Antiguidade.

JORGE NÓVOA (org.)

A história à deriva: Um balanço de fim de século,
Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1993, 311
pp. *Cláudio Batalha* (Professor do Departamento de
História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de Campinas)

Por trás deste título, pouco esclarecedor, está uma coletânea de textos que propõe um balanço deste fim de século a partir do colapso dos regimes socialistas do Leste europeu, das transformações do capitalismo e das perspectivas da esquerda socialista. Os vários artigos que compõem a coletânea são escritos por estudiosos, intelectuais e/ou militantes brasileiros e estrangeiros, situados em sua grande maioria no campo da esquerda. E pelo menos parte dos artigos tem origem no I Seminário Baiano sobre a Crise do Leste Europeu, realizado em dezembro de 1990 – ainda no calor dos aconteci-

mentos - na Universidade Federal da Bahia. Entre os méritos deste livro, destaca-se o esforço de uma reflexão crítica sobre as transformações operadas nestes últimos anos, mérito que cabe aos organizadores daquele seminário e, particularmente, ao organizador deste livro, Jorge Nóvoa.

Divididos em quatro partes, por temas, esses artigos são bastante desiguais, o que de certo modo é inevitável nesse tipo de coletânea. A primeira dessas partes, "A Significação do Presente", reúne os artigos que tratam do que poderíamos chamar de o "movimento da história". Frédéric